

Catástrofes

J. Roberto Whitaker Penteadado

É freqüente a queixa das pessoas comuns - e de algumas incomuns - de que os meios de comunicação só veiculam más notícias. Não falo aqui das revistas de fofoca como Quem ou Contigo, mas incluo as noticiosas do tipo Veja. A referência mais imediata é ao jornal diário. No que se refere ao rádio, refiro-me às poucas estações que não transmitem 24h de música sertaneja ou de pregação religiosa e quanto à TV - é, sobretudo, a "aberta" e alguns canais especializados. Aliás, nesses canais pagos, podemos constatar que a situação não é diferente em outros países supostamente mais desenvolvidos do que nós, como a Itália, a Espanha, a França e - claro - os EUA.

Os encarregados dessa área - as notícias -, nos veículos, são os jornalistas e, quando a eles se leva a queixa generalizada, as respostas costumam ser as mesmas: boa notícia não vende jornal, o mundo é assim mesmo, essas coisas acontecem; não vamos sonegar a realidade aos nossos leitores.

Será?

Não faz muito tempo, estava guiando e ouvindo a CBN, quando entrou a informação de que um cidadão havia eliminado o pai, a mãe, a mulher e os filhos - ou coisa parecida (tema, aliás, de uma coprodução de cinema franco-suíça-espanhola de 2002, dirigido por Nicole Garcia, chamado O Adversário) e que isso havia ocorrido numa cidade do interior do Maranhão, ou algo assim. (Essas imprecisões de lembrança fazem parte do meu argumento).

É evidente que há significação nos fatos e na coincidência de que o comportamento homicida e desviante de um cidadão no interior de um estado do nordeste brasileiro e um outro, morador de uma comunidade suíça, transformem-se, um, num ítem de noticiário transmitido no Rio de Janeiro, e outro em um filme de sucesso.

Parece que isso tenderia a confirmar as explicações dos jornalistas, não é? A vida é assim. Mas vamos levar o raciocínio um pouco adiante. As pessoas sempre se maltrataram umas às outras, com mais ou menos requintes de crueldade, e independentemente dos graus de parentesco que as possam unir - ou desunir. Além disso, individualmente ou em grupo, acontece a elas - com certa freqüência - ser vítimas de acidentes, atropelamentos, colisões de veículos diversos, cair de altas montanhas, queimar-se em incêndios, ser atacadas e, às vezes, devoradas por animais ferozes. Junte-se a isso a ocorrência de fenômenos considerados naturais - ainda que infreqüentes - como terremotos, enchentes e tsunamis - e teremos, estatisticamente - para a atual população mundial de 6 bilhões de pessoas - a probabilidade de uma alta incidência dos eventos aqui descritos. Bastaria que 1 em cada 100.000 pessoas passasse por uma provação dessas, para que o score diário fosse de 6 mil casos. Considerando a facilidade e a rapidez das comunicações atuais, é mais do que suficiente para recheiar todos os jornais diários do planeta.

Estamos diante de uma inevitabilidade matemática: se o jornalismo mundial não decidir mudar de assunto, logo não nos restará nada para ler e ver - a não ser tragédias.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Catástrofes. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=270&ID=249>>. Acesso em: 14 set. 2009.